

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR  
DE ESTUDO E PESQUISA DO  
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO  
ANO XVIII  
VOLUME 26  
(JAN-MAR)  
2017  
PP. 163-181.

## ENTRE O SACRAMENTO E O NARCÓTICO: ANALISANDO DISCURSOS DE DESLEGITIMAÇÃO DOS SABERES DA AYAHUASCA

CAMILA DE PIERI BENEDITO<sup>i</sup>

Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)

camis.benedito@gmail.com

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar - a partir da reportagem *Presos tomam chá alucinógeno em projeto social polêmico em Rondônia*<sup>ii</sup> veiculada pelo programa televisivo Fantástico da Rede Globo - discursos midiáticos que desvalorizam e deslegitimam o uso ritual da ayahuasca, através da hierarquização entre o saber médico e o saber nativo e do uso discursos sobre degeneração. A reportagem também leva à reflexão da construção de discursos de exclusão e de sofrimento para com criminosos. Para a análise, é realizada uma breve descrição do universo ayahuasqueiro, integrando a bibliografia especializada com epistemologias que refletem processos de exotização (Said, 2010) e exclusão (Foucault, 2003).

**Palavras-chave:** Ayahuasca; mídia; intolerância religiosa.

### ABSTRACT

The article has, as its main objective, the analysis - upon the TV report *Presos tomam chá alucinógeno em projeto social polêmico em Rondônia* from Rede Globo's Fantástico - of media speeches that depreciate and delegitimize the ritual use of ayahuasca through the creation of a

## ENTRE O SACRAMENTO E O NARCÓTICO: ANALISANDO DISCURSOS DE DESLEGITIMAÇÃO DOS SABERES DA AYAHUASCA, CAMILA DE PIERI BENEDITO

hierarchy between the medic knowledge and the native one, and also upon speeches of degeneration. The report lead the author to also reflect the appreciation of speeches on the exclusion and suffering of criminals. For the analysis, it was made a brief description of the ayahuasca universe, joining the specialized bibliography with epistemologies that think exoticization (Said, 2010) and exclusion (Foucault, 2003).

**Keywords:** Ayahuasca; media; religious intolerance.

### 1. INTRODUÇÃO

A partir da infusão do cipó *Banisteriopsis caapi* com as folhas do arbusto *Psychotria viridis* - conhecidos em diferentes áreas da região amazônica, respectivamente como jagube e chacrona – é feita a bebida enteógena<sup>iii</sup> *ayahuasca*, de tradição indígena. Sua denominação tem origem quíchua<sup>iv</sup> com “Aya” significando pessoa morta, alma ou espírito e “Waska” sendo corda, liana ou cipó, podendo então ser traduzida como “corda da alma” ou “corda dos espíritos” (Luna, 2009).

Luna (2009) foi capaz de contabilizar 72 grupos indígenas que utilizam a ayahuasca na Amazônia Ocidental,

território que perpassa Brasil, Colômbia, Bolívia, Peru, Venezuela e Equador. A grandeza territorial em que a bebida é utilizada faz com que apareça com outros nomes como *natem*, *caapi*, *ramim*, *kamarampi*, *pildé*, *yagé*, entre outros. As tradições são diversas.

Seus usos mais antigos associam-se ao xamanismo<sup>v</sup> indígena e ao vegetalismo. O vegetalismo, de maneira ampla, pode ser definido como uma forma de medicina popular baseada no uso de plantas, cantos e dietas (Labate, 2011), originada do contato de seringueiros peruanos com a população indígena e ribeirinha da serra e da costa do Peru entre o final do século XIX e o início do século XX. Os

## ENTRE O SACRAMENTO E O NARCÓTICO: ANALISANDO DISCURSOS DE DESLEGITIMAÇÃO DOS SABERES DA AYAHUASCA, CAMILA DE PIERI BENEDITO

vegetalistas unem os conhecimentos indígenas sobre as plantas com o cristianismo e o esoterismo europeu, presentes no meio urbano que se expande na região amazônica.

A partir do século XX - de modo geograficamente restrito ao Brasil -, se desenvolveram religiões em torno do uso ritual da ayahuasca. Esses grupos são caracterizados pela bibliografia especializada (Labate, 2004; Pinto & Souza, 2012; Goulart, 2009) como *religiões ayahuasqueiras* ou *grupos ayahuasqueiros tradicionais*. De forma comum, originaram-se do contato entre seringueiros e povos indígenas e partem de uma releitura cristã do uso da ayahuasca<sup>vi</sup>, abarcando as influências do uso tradicional, dos cultos afro-brasileiros, do espiritismo kardecista, do vegetalismo, do catolicismo rústico e de correntes esotéricas oriundas da Europa (Pinto & Souza, 2012; Labate, 2004), constituindo-se como religiões sincréticas e de salvação universalista, distanciadas dos usos da ayahuasca pela tradição indígena e pelo vegetalismo

As religiões ayahuasqueiras integram três grandes correntes: o Santo Daime, a União do Vegetal e a Barquinha.

O Santo Daime foi fundado nos anos 1930 por Raimundo Irineu Serra, na periferia da acreeana Rio Branco, a partir do contato - e seus desdobramentos - com a ayahuasca no Peru, enquanto trabalhava pelo governo federal na Comissão de Limites<sup>vii</sup>. A Barquinha, também de Rio Branco, foi fundada por Daniel Pereira de Mattos no ano de 1945, a partir de uma dissidência deste com o Santo Daime e o início de um novo movimento. A União do Vegetal, de histórico um tanto distinto, nasceu em Porto Velho no ano de 1961, a partir das experiências de José Gabriel da Costa com a ayahuasca (Goulart, 2004).

Dentre as três, o Santo Daime e a UDV tiveram maior expansão. O Santo Daime veio a se disseminar para além da Amazônia na década de 1980, havendo, atualmente, grupos em todas as unidades federativas brasileiras e em outros países como Holanda, Japão e Estados Unidos, abarcando todos os continentes. A União do Vegetal, com cerca de sete mil adeptos, é a maior em número de frequentadores. O primeiro centro fora de Rondônia foi fundado em Manaus em 1971. Sua

## ENTRE O SACRAMENTO E O NARCÓTICO: ANALISANDO DISCURSOS DE DESLEGITIMAÇÃO DOS SABERES DA AYAHUASCA, CAMILA DE PIERI BENEDITO

expansão para São Paulo data de 1972 e, atualmente, sua sede geral localiza-se em Brasília, havendo centros nas principais cidades do país, nos Estados Unidos e Europa. A Barquinha, diferentemente das outras, encontra-se quase totalmente restrita ao território amazônico, com centros no Acre, em Rondônia e no Rio de Janeiro (Goulart, 2004).

A partir da popularização das religiões ayahuasqueiras e das dissensões internas ao grupo em um contexto fortemente marcado pelas concepções do movimento Nova Era - ou neo-esotérico -, surgem os neo-ayahuasqueiros (Labate, 2004). É possível entendê-los como distintos dos grupos ayahuasqueiros tradicionais por, apesar de se inspirarem neles, se constituírem em novas modalidades de uso que articulam elementos do movimento neo-esotérico, os resignificando e introduzindo mudanças (LABATE, 92, 2004). O neo-esoterismo, tal como descrito por Magnani (1999), relaciona-se ao movimento da contracultura de meados do século XX e a busca de novas formas de compreensão da espiritualidade no contexto de

questionamento do *status quo* religioso, confluindo diversas tradições desde as artes divinatórias às vivências xamânicas.

A expansão e popularização desses grupos para além do contexto amazônico, ao qual o uso ritual da ayahuasca foi por muito tempo restrito, gerou interesse acadêmico e midiático sobre a bebida, gerando, a partir dos anos 1980, tanto trabalhos acadêmicos em diferentes áreas do saber sobre a bebida e os rituais, como também uma série de reportagens de caráter sensacionalista (Labate, 2004; Almeida & Assis, 2013), reverberando na liberdade religiosa de adeptos e adeptas.

A regulamentação do uso religioso da ayahuasca, por parte do governo brasileiro, foi um processo de décadas, realizada a partir de estudos científicos e governamentais que entram em curso ainda nos anos 80. O grande marco foi a publicação da legislação que permite e regula o consumo da ayahuasca em rituais religiosos no *Diário Oficial da União*, no dia 25 de janeiro de 2010<sup>viii</sup>. A publicação gerou repercussão negativa na mídia que a contestava, afirmando que o governo

## ENTRE O SACRAMENTO E O NARCÓTICO: ANALISANDO DISCURSOS DE DESLEGITIMAÇÃO DOS SABERES DA AYAHUASCA, CAMILA DE PIERI BENEDITO

teria legalizado um chá alucinógeno, gerando riscos para a saúde pública. No intervalo de menos de dois meses, o debate atingiu novo nível de sensacionalismo através da repercussão do assassinato do cartunista e líder daimista do Céu de Maria Glauco Vilas Boas e de seu filho Raoni, pelo frequentador Carlos Eduardo Sundfeld Nunes (Almeida & Assis, 2013).

O caráter sensacionalista se alimentava da escolha de palavras, descrevendo o grupo religioso como *seita* e a bebida ritual como *alucinógena*, o que vem a se repetir em reportagens posteriores, como as que trataram da morte de Rian Brito em 2016<sup>ix</sup>, do desaparecimento de Deise Faria Ferreira em 2015<sup>x</sup>. Unem-se a estas exposições, livros não acadêmicos ou jornalísticos que buscam deslegitimar o grupo através de discursos sensacionalistas (Labate *et all*, 2008).

O presente artigo busca, a partir da análise interpretativa da reportagem *Presos tomam chá alucinógeno em projeto social polêmico em Rondônia* veiculada pelo programa *Fantástico* da rede Globo, ilustrar a construção destes discursos pejorativos como discursos que enfraquecem

a voz nativa das diferentes tradições ayahuasqueiras ao esvaziar o caráter ritual de seu uso ao focar-se no princípio ativo da infusão das plantas. Segundo a análise, isso ocorre através do movimento de exotização do grupo e do foco no princípio ativo da infusão, o DMT - d-dimetiltriptamina -, potencialmente benéfico quanto integrado à prática terapêutica regulada pela farmácia e pela medicina, polêmica enquanto prática terapêutica ritualizada fora dos limites da ciência.

No lugar da categoria alucinógena, o artigo se utilizará do termo enteógeno, que “se origina do grego *entheos [e]* que literalmente significa *Deus dentro*” (MACRAE, 495, 2009). É uma posição ideológica que, ao se utilizar de um termo de origem nativa, busca desestabilizar discursos sensacionalistas. Esse uso se expande entre pesquisadores da temática do universo <sup>xi</sup>ayahuasqueiro e, também, de outros, que abarcam os universos do peiote, da cannabis, do iboga e etc..

Deve-se levar em consideração, ainda, a emergência de um discurso de degeneração sobre os usos diversos da ayahuasca e dos grupos e povos que a utilizam. Dado ao modo

## ENTRE O SACRAMENTO E O NARCÓTICO: ANALISANDO DISCURSOS DE DESLEGITIMAÇÃO DOS SABERES DA AYAHUASCA, CAMILA DE PIERI BENEDITO

como a reportagem realizou a descrição da atuação da ONG Acuda dos aprisionados do sistema penitenciário de Porto Velho (RO) atendidos, cabe ainda uma breve análise sobre um discurso de marginalização desses indivíduos enquanto uma prática de racismo de estado.

### 2. A REPORTAGEM: DESCRIÇÃO

Na noite do dia 25 de maio de 2015, foi veiculada ao vivo a reportagem *Presos tomam chá alucinógeno em projeto social polêmico em Rondônia* no programa televisivo *Fantástico* da rede Globo. O objetivo era mostrar a atuação da ONG rondoniense Acuda, que produz com detentos dos regimes fechado e semiaberto de três presídios de Porto Velho<sup>xii</sup>, serviços de cerâmica, marcenaria, mecânica e jardinagem e ainda os atende com práticas terapêuticas como *reiki*, a meditação, a massagem *ayurveda* e o banho de lama, além da prática de maior destaque: o uso do *chá alucinógeno* daime.

A reportagem se inicia com a afirmação de que as pessoas atendidas pela Acuda são *presos* que não estão *aprisionados* e que trabalham com ferramentas potencialmente perigosas - nos trabalhos de marcenaria, cerâmica, mecânica e jardinagem -, passando o dia sem correntes e sem a supervisão de guardas, havendo para o controle somente as câmeras de vigilância e a *consciência individual*. São mostradas imagens dessas pessoas trabalhando e também em períodos de descanso, assim como das câmeras que os vigiam. Há ainda uma cena onde um dos atendidos<sup>xiii</sup> abre o cadeado de uma porta, ilustrando o fato de as chaves das portas da ONG serem também de posse dos 13 residentes, pessoas condenadas ao regime fechado que tiveram autorização para morarem na sede da Acuda.

Segundo a reportagem, a ONG atua em Porto Velho há 15 anos, realizando *terapias alternativas* com presos do regime fechado que são descritos como *muito perigosos*. São descritos como muito perigosos por haver, entre eles, assassinos, traficantes, esturpadores e pedófilos. Além dos 13

## ENTRE O SACRAMENTO E O NARCÓTICO: ANALISANDO DISCURSOS DE DESLEGITIMAÇÃO DOS SABERES DA AYAHUASCA, CAMILA DE PIERI BENEDITO

residentes, são atendidos diariamente outros 85 detentos em uma extensa rotina terapêutica e de trabalho.

O dia na ONG se inicia com a atividade de meditação ao som da Sinfonia Heroica de Beethoven. Segue-se à meditação, práticas de massagem *ayurveda*, de terapia do cone chinês, *reiki* e banho de lama. Esse conjunto de práticas é descrito como proveniente de elementos do espiritismo, da filosofia hippie e da cultura da Nova Era. Insistindo na assistência de *presos muito perigosos* por parte da ONG, a reportagem exhibe os agentes que fazem guarda do lado de fora do espaço durante a realização das atividades.

A reportagem cita que entre os integrantes está Marco Antônio Chaves, frequentador da ONG há oito meses. Ele foi detido em 2014 pelo estupro e assassinato de Naiara Karine em 2013, caso de grande repercussão em Porto Velho. Apesar de recusar entrevista, são filmadas e expostas algumas de suas falas, negando a vontade de ser entrevistado e afirmando o direito de todos a uma segunda chance. Em seguida, é mostrada a indignação de Linara, mãe de Naiara, que se diz

insatisfa com o fato de Marco estar recebendo benefícios enquanto a família não recebeu nenhum tipo de apoio psicossocial. Essa é a primeira de três falas de mães de jovens assassinados por pessoas assistidas pela Acuda.

Em um segundo momento da reportagem, o foco se coloca na participação de alguns dos detentos atendidos pela Acuda em rituais do Santo Daime enquanto uma prática terapêutica. Tal atividade é justificada pela ONG como importante na recuperação e ressocialização dessas pessoas que passariam, com essa forma de trabalho terapêutico, a reconhecer os erros cometidos para com suas vítimas e a sociedade. Para poderem participar dos rituais, é necessária a autorização do juiz corregedor dos presídios.

O corregedor Renato Bonifácio de Melo Dias – descrito pela reportagem como tendo fama de *linha dura*, apesar de apoiar essa atividade – justifica a permissão pelo fato de estarem em uma região carente de métodos de ressocialização, tornando necessário o risco da terapia com o daime. Citou ainda que, nos dois anos em que a prática foi

ENTRE O SACRAMENTO E O NARCÓTICO: ANALISANDO DISCURSOS DE DESLEGITIMAÇÃO  
DOS SABERES DA AYAHUASCA, CAMILA DE PIERI BENEDITO

permitida, houve somente um caso de fuga, na qual o fugitivo foi encontrado no dia seguinte, sendo uma estatística mais baixa que a entre os detentos atrás de grades e muros.

A partir desse ponto, a reportagem passa a focar a bebida a partir de sua análise química. É aqui que a denominação ayahuasca para infusão do cipó jagube (*Banisteriopsis caapi*) com a folha da chacrona (*Psychotria viridis*) é utilizada pela primeira vez, sendo antes citado apenas o nome “daime”, correspondente à forma como o Santo Daime, a mais antiga religião de tradição ayahuasqueira, e a Barquinha denominam a bebida.

Pode se dizer que a denominação “daime” e não “ayahuasca” pela reportagem remonta não somente ao seu uso pelos sujeitos explorados na reportagem, mas também a uma passagem tratada pela mídia de forma polêmica: o assassinato do cartunista e líder daimista Glauco Villas Boas e seu filho Raoni em março de 2010. Refletindo o caso, reportagens colocam a bebida ritual como supostamente responsável pelo crime. Entre elas, é possível citar *O daime provocou o crime?*

*A morte do cartunista Glauco reacende o debate sobre o uso da droga indígena ayahuasca em rituais religiosos* veiculado pela revista *Época* e *O psicótico e o daime: Até que ponto se justifica a tolerância com uma droga alucinógena usada em rituais de uma seita?* pela revista *Veja*, ambas citadas no texto de Almeida & Assis (2013).

O próprio uso dos termos “alucinógeno”, “psicótico” ou “droga” para se falar da ayahuasca remonta às classificações pejorativas. A escolha do termo “alucinógeno” corrobora na construção da imagem da bebida como um narcótico perigoso e o questionamento sobre sua efetividade terapêutica em um uso ritual e não clínico.

Centrando-se na questão química e na segurança, muito pouco é dito sobre o uso ritual da ayahuasca, sendo mostrada apenas uma breve encenação do feitiço da bebida em local independente da ONG Acuda, onde os rituais são realizados. O foco é mostrar o princípio ativo da bebida - a dimetiltriptamina (DMT) – e seus efeitos. A análise sobre o princípio ativo da bebida enteógena é realizada pela fala do professor Jaime

## ENTRE O SACRAMENTO E O NARCÓTICO: ANALISANDO DISCURSOS DE DESLEGITIMAÇÃO DOS SABERES DA AYAHUASCA, CAMILA DE PIERI BENEDITO

Hallak da USP de Ribeirão Preto, coordenador de pesquisas que analisam a relação entre o DMT e estados mentais como a depressão e a ansiedade.

Segundo o professor, o DMT encontra-se unicamente na folha da chacrona, sendo a infusão com o cipó jagube necessária para que o DMT seja sintetizado de forma que possa ser absorvido pelo corpo humano e gerar os estados alterados de consciência. Jaime explica que tal mistura originou-se entre os indígenas, sendo uma prática milenar cujas origens não podem ser determinadas. A atuação do DMT, presente nessa mistura, tem efeito direto sobre uma área do cérebro relacionada à depressão e à ansiedade, que se tornam ativas, amenizando esses quadros mentais. Após esse breve intervalo, é dito como muito longe dos laboratórios, mas ainda no intento da busca da paz interior, presidiários de Rondônia buscam a ayahuasca.

Na reportagem, é mostrado que os detentos não são acompanhados por escolta na viagem que parte de Porto Velho para o local onde os rituais são realizados. Estão nos carros e

nas vans apenas os detentos, uma psicóloga e os diretores da ONG. A sessão acontece na Chácara da Divina Luz em Ji-Paraná, 350 km distante de Porto Velho. Segundo a reportagem, além dos detentos e da equipe da Acuda, participam do ritual médicos, policiais e membros do judiciário. As portas ficam abertas e não há restrição alguma sobre a movimentação dos detentos, justificado pelo líder religioso da chácara da Divina Luz como uma *ação cristã*, inerente à prática espiritual proposta.

A reportagem descreve que todos os participantes se vestem de branco, sendo esta uma regra do Santo Daime. Frisam que, com exceção da equipe de reportagem do Fantástico, todos tomam uma dose do enteógeno, sentam-se em cadeiras de plástico e são então embalados pelas orações, repetidas como mantras, e pelos hinos religiosos. Em um segundo momento da sessão, a reportagem descreve que as cadeiras são retiradas do espaço, os participantes da sessão tomam mais uma dose de daime e se levantam para dançarem, em um momento que a reportagem descreve como o encontro

## ENTRE O SACRAMENTO E O NARCÓTICO: ANALISANDO DISCURSOS DE DESLEGITIMAÇÃO DOS SABERES DA AYAHUASCA, CAMILA DE PIERI BENEDITO

do Santo Daime com a Umbanda.

Quando é citada a Umbanda, o som de tambores é inserido no vídeo, o que pode ser visto como a tentativa de aprofundar a imagem exótica que tem se criado até então<sup>xiv</sup> a partir de discursos de exotização que também recaem sobre as religiões de matriz africana Finalizando as imagens do ritual - que focou em mostrar pessoas chorando, mexendo as mãos ou balançando a cabeça, nitidamente sob efeito da bebida, diz-se que a *feira* vara a madrugada.

Depois disso, é exposto o clima de descontração na manhã seguinte à sessão, momento que é colocado em contraposição ao sofrimento contínuo dos familiares de vítimas dos detentos atendidos na Acuda. Isso é feito com o encerramento da reportagem com as falas de Lucimar Alvez de Carvalho e Cléia Maria dos Santos, mães de jovens assassinados por um dos detentos assistidos, o Alzimar, o mesmo que aparece trancando as portas da Acuda em uma das cenas iniciais da reportagem.

Segundo Lucimar, Alzimar deveria estar no regime

fechado *fechado mesmo*. Cleia afirma que ele deveria pagar pelo que fez e descreve sua participação nas atividades da Acuda como uma boa vida. Para ambas a atitude da ONG é errada e o sofrimento é a única alternativa sensata para que Alzimar pague pelo que causou. Nas falas de Lucimar, de Alzimar e de Linara, as práticas terapêuticas são vistas como “direitos”, como “benefícios”, como “vida boa”, indicando, em contraste, o tipo de tratamento que esses criminosos deveriam receber<sup>xv</sup>.

Ao utilizar-se de frases de efeito como “eles são presos, mas não estão presos”, “muito longe dos laboratórios, mas também em busca de paz interior”, entre outras, a reportagem corrobora para uma crítica severa a esse tipo de tratamento, o que explicita a escolha do título da reportagem e a descrição da prática como polêmica. O fato de essas práticas terapêuticas se diferirem de práticas clínicas ou do isolamento prisional completo, fazem elas serem como “fora do comum” e “alternativas”, beneficiamento moralmente abominável para indivíduos abomináveis.

## ENTRE O SACRAMENTO E O NARCÓTICO: ANALISANDO DISCURSOS DE DESLEGITIMAÇÃO DOS SABERES DA AYAHUASCA, CAMILA DE PIERI BENEDITO

Dessa forma, a reportagem não apenas demonstra uma construção preconceituosa sobre o uso ritual da ayahuasca e a hierarquização desigual entre saber médico e saber nativo, tema deste artigo, como também um discurso de exclusão completa da população prisional.

### 3. OS DISCURSOS QUE EMERGEM DA EXPOSIÇÃO MIDIÁTICA

O movimento que trata a bebida ritual especificamente por seu caráter narcótico, exclui a validade do caráter ritual, impondo o monopólio do saber médico sobre a planta. Segundo a reportagem, seu uso pode ser benéfico enquanto realizado em laboratórios universitários, mas potencialmente perigoso quando utilizado em outros contextos, especialmente quando seus usuários são *criminosos de grande periculosidade*.

Cabe frisar que a origem do uso ritual da ayahuasca se

relaciona com o saber de povos e de grupos marginalizados na sociedade brasileira, e que sua expansão, apesar que relacionada já a grupos não marginalizados - camada média escolarizada branca, de grandes centros urbanos - relaciona-se ao movimento contemporâneo de busca de alternativas religiosas não hegemônicas (Labate, 2004; Pinto & Souza, 2012; Goulart, 2009, Assis & Labate, 2014), taxadas no senso comum enquanto exóticas. Cabe ressaltar que essa - como muitas das outras - é uma exposição via um veículo midiático do Sudeste, alheio às configurações sócio-culturais amazônicas onde a ayahuasca, especialmente através dos vegetalistas e das religiões ayahuasqueiras, já havia sido mais amplamente absorvida, compondo menor aura de exotividade (Moreira & MacRae, 2011)

A exotização é um exercício ativo de constituição do *um* e do *outro* em relação mútua e hierárquica. No caso da reportagem, se dá pela afirmação da ciência médica ocidental em oposição à estranheza e periculosidade do saber ayahuasqueiro amazônico e das práticas neo-esotéricas, tal

## ENTRE O SACRAMENTO E O NARCÓTICO: ANALISANDO DISCURSOS DE DESLEGITIMAÇÃO DOS SABERES DA AYAHUASCA, CAMILA DE PIERI BENEDITO

como Said (2010) descreve a construção do Ocidente e do Oriente. Para o autor, não existe uma realidade ontológica para os conceitos de Ocidente e de Oriente, sendo ambos constituídos de esforço humano – “parte afirmação, parte identificação do outro” (SAID, p. 13, 2010) – e permeados por regimes de verdade que definem o que se pode falar do Oriente por conta de um desequilíbrio que tende à hegemonia ocidental.

A capacidade terapêutica do daime enquanto em contexto ritual é deslegitimada enquanto polêmica. Compõe um contexto mais amplo de reportagens sobre o universo ayahuasqueiro, que relaciona o uso ritual da bebida enteógena (Labate *et alli*, 2008; Almeida & Assis, 2013) com processos de degeneração, perda de controle e adoecimento. Nas reportagens, é comum a relação da ayahuasca com doenças psiquiátricas - como no caso de Carlos Eduardo Sundfeld Nunes e de Deise Faria Ferreira - e com mudanças drásticas de comportamento - como no caso de Rian Brito - gerando resultados fatais. Corroboram para a conceituação pejorativa

dos diversos grupos enquanto *seitas*.

Observando a reportagem a partir dos temas tocados, da escolha das imagens e do uso dos depoimentos, é possível observar a utilização de duas categorias classificatórias cada vez mais popularizadas e antagonizadas pela mídia e pelas redes sociais: “cidadãos de bem” e “criminosos”. Os primeiros, membros da sociedade a ser defendida, podem ser considerados saudáveis e dignos de lazes e de apoio psicossocial, enquanto os criminosos, pessoas degeneradas, que ofendem e põem em risco os cidadãos de bem e o bem estar da população, devem ser excluídos de todo e qualquer convívio social, inclusive enquanto detentos do regime fechado. Como degenerados, estão além da “salvação”, devendo a exclusão ser de caráter permanente.

É um processo característico de uma sociedade de normalização (Foucault, 2003), na qual a posituação da vida se torna necessidade, agindo em níveis individuais e coletivos para a manutenção da saúde da forma coletiva denominada **população**. É nesse positivismo excessivo que emerge o

## ENTRE O SACRAMENTO E O NARCÓTICO: ANALISANDO DISCURSOS DE DESLEGITIMAÇÃO DOS SABERES DA AYAHUASCA, CAMILA DE PIERI BENEDITO

racismo de Estado, prática inerente à sociedade normalizadora e que possibilita a exclusão e o assassinato em um movimento que busca defender a sociedade, fazer viver mais. O racismo de Estado está intimamente conectado com a noção de degenerência e irá visibilizar os focos de risco para o bem estar da sociedade, tornando possível, em seu limite, o extermínio, como ocorrido no genocídio étnico realizado pelo Estado nazista. “O racismo é a condição para que se possa exercer o direito de matar” (FOUCAULT, p. 306, 2003). Nessa perspectiva, é possível entender a exclusão dos criminosos da sociedade:

Se a criminalidade foi pensada em termos de racismo foi igualmente a partir do momento em que era preciso tornar possível, num mecanismo de biopoder, a condenação à morte de um criminoso ou seu isolamento. Mesma coisa com a loucura, mesma coisa com as anomalias diversas. (FOUCAULT, p. 308, 2003)

Esse discurso está na reportagem tanto na busca pela afirmação do isolamento e do sofrimento da população

carcerária, como na deslegitimação de uma série de práticas terapêuticas e do uso ritual da ayahuasca. O discurso da degenerência sobre a ayahuasca, é claro no debate gerado pela regulamentação em 2010 (Alemeida & Assis, 2013; Reginato, 2010; Barreto, 2015, Labate *et alli*, 2008). Reginato, ao analisar reportagens veiculadas por publicações de ampla circulação nacional - *Veja e Isto É* -, resume uma *empreitada anti-ayahuasqueira* a partir dos seguintes discursos:

- **[De que] a ayahuasca é uma bebida perigosa, com propriedades psicoativas e que causa vômito, diarreia e alucinações;**
- **[De que] a ancestralidade da ayahuasca não muda sua composição química;**
- [De que] a ayahuasca possui DMT, substância proibida pelo International Narcotics Control Board –INCB
- **[De que] a liberdade de culto religioso é uma “desculpa” para ocultar o uso de drogas ilícitas;**
- [De que] determinadas ramificações usam também maconha (chamada de erva de Santa Maria) nos cultos;
- [De que] a permissão concedida pelo governo abre um precedente perigoso;
- [De que] não há estudos científicos suficientes sobre a ayahuasca; não se sabe se há interações medicamentosas, nem quais os efeitos do chá em pessoas com problemas psíquicos;

## ENTRE O SACRAMENTO E O NARCÓTICO: ANALISANDO DISCURSOS DE DESLEGITIMAÇÃO DOS SABERES DA AYAHUASCA, CAMILA DE PIERI BENEDITO

- **[De que] pessoas que precisam de ajuda médica podem ser enganadas;**
- [De que] intelectuais e artistas mitificam a ayahuasca porque a crença veio de gente simples da floresta. É uma moda “new age”.
- [De que] permitir que crianças e mulheres grávidas consumam a ayahuasca é inaceitável;
- **[De que] não há provas dos efeitos terapêuticos da ayahuasca;**
- [De que] grupos que usam a ayahuasca são inconsistentes, mesclando elementos de várias outras religiões e até da psicanálise. São seitas e não grupos religiosos;
- [De que] as práticas religiosas devem depender de fé e não de química;
- **[De que] o uso da ayahuasca traz riscos, é uma questão pública, de saúde e segurança públicas;**
- **[De que] o consumo da ayahuasca está associado a duas mortes recentes [de Raoni e de Glauco];**
- [De que] há tráfico de ayahuasca no país ignorado pelo governo brasileiro;
- [De que] a ayahuasca é utilizada para ‘ficar viajando’(sic) e tem sido vendida livremente pela internet. (REGINATO, p. 11-12, 2010) Destaques da autora do presente artigo.

Os pontos relevados por Reginato foram observados na reportagem global. Ilustrados na filmagem dos participantes do ritual em estado de transe como uma perda de controle, na valorização do saber médico em detrimento do saber nativo, do questionamento da efetividade dos efeitos terapêuticos dos

rituais e do uso da bebida e os riscos à saúde pública. Tais discursos refletem na prática cotidiana de adeptos e adeptos<sup>xvi</sup> que, muitas vezes, escondem seu pertencimento religioso nos ambientes de trabalho, sofrem represálias profissionais e familiares quando têm suas práticas religiosas reveladas e sofrem, ainda, de críticas severas quando da participação de seus filhos nos rituais<sup>xvii</sup>.

Deve-se frisar que o universo ayahuasqueiro constrói muitas de suas práticas sobre o caráter terapêutico da bebida e dos rituais (Groisman, 1991; Rose, 2007), algo que é também presente no universo neo-esotérico através dos ideais de autoconhecimento e de cura. Por conta disso, é comum a expansão de grupos e comunidades que se focam no uso terapêutico do enteógeno de forma integrada a rituais. Essa característica espiritual e/ou religiosa é deslegitimada nos discursos midiáticos expostos e exprime mais uma face da restrição que se impõe sobre a liberdade de culto destes grupos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo buscou colaborar no ainda restrito universo de análise sobre as religiões ayahuasqueiras (Labate, 2004), propondo uma análise que toca a temática da intolerância religiosa. Deve-se frisar que o universo ayahuasqueiro é pouco lembrado no debate sobre intolerância religiosa, no qual as tradições afro-brasileiras já foram absorvidas. O artigo é um convite à inclusão desses grupos no debate, necessário para a afirmação da liberdade de culto de adeptas e adeptos - no caso dos grupos ayahuasqueiros tradicionais e das tradições neo-ayahuasqueiras. Toca também a herança imemorial de povos indígenas e do uso ritual da ayahuasca no contexto indígena xamânico, pleiteando o respeito cultural - e de território - de povos indígenas. Também toca a prática vegetalista, que integra o contexto amazônico a partir do século XIX.

#### REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. P. E, ASSIS, G. L. “Visibilidade versus Opacidade: uma análise das matérias das Revistas *Época* e *Veja*”. In: **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora: UFJR, v. 4, p. 1-83, 2013.
- ASSIS, Glauber Loures; LABATE; Beatriz Caiuby. “A expansão e internacionalização do Santo Daime: uma religião ayahuasqueira brasileira no cenário religioso global”. In: **Anais do 38º Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu: 2014.
- BARRETO, Juliana N. R. “Gestar e parir: corpo e atenção à saúde no Daime”. In: **36ª Reunião da RBA**, Recife, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- GOULART, Sandra L. “O contexto de surgimento do culto do Santo Daime: formação da comunidade e do calendário ritual”. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAUJO, Wladmyr (Orgs.) **O Uso Ritual da Ayahuasca**. São Paulo: FAPESP, Mercado das Letras, 2009.
- GROISMAN, Alberto. “**Eu venho da floresta**”: ecletismo e praxis xamânica daimista no “Céu do Mapiá”. Dissertação de

ENTRE O SACRAMENTO E O NARCÓTICO: ANALISANDO DISCURSOS DE DESLEGITIMAÇÃO  
DOS SABERES DA AYAHUASCA, CAMILA DE PIERI BENEDITO

Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.

LABATE, Beatriz C. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. São Paulo: Fapesp, Mercado das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. “A literatura sobre as religiões ayahuasqueiras”. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAUJO, Wladmyr (Orgs.) **O Uso Ritual da Ayahuasca**. São Paulo: FAPESP, Mercado das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **Ayahuasca Mamancuna merci beaucoup: diversificação e internacionalização do vegetalismo ayahuasqueiro peruano**. Tese de doutorado, Antropologia. Campinas: Unicamp, 2011.

LABATE, Beatriz C., ROSE, Isabel S., SANTOS, Rafael Guimarães dos. **Religiões ayahuasqueiras: um balanço bibliográfico**. Fapesp, Mercado das Letras, 2008.

LUNA, Luiz Eduardo. “Xamanismo amazônico, ayahuasca, antropomorfismo e mundo natural”. In: LABATE, Beatriz; ARAUJO, Wladmy (Orgs.) **O Uso Ritual da Ayahuasca**. São Paulo: FAPESP, Mercado das Letras, 2009.

MACRAE, Edward. **Guiado pela lua – Xamanismo e uso ritual da Ayahuasca no culto do Santo Daime**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

\_\_\_\_\_. “Um pleito pela tolerância entre as diferentes linhas ayahuasqueiras”. In: LABATE, Beatriz; ARAUJO, Wladmyr (Orgs.) **O Uso Ritual da Ayahuasca**. São Paulo: FAPESP, Mercado das Letras, 2009.

MOREIRA, Paulo; MACRAE, Edward. **Eu venho de longe: Mestre Irineu e suas histórias**. Salvador: Editora ABESUP, 2011.

PACHECO, Gustavo e LABATE, Beatriz C. “Matrizes Maranhenses do Santo Daime”. In: LABATE, Beatriz; ARAUJO, Wladmyr (Orgs.) **O Uso Ritual da Ayahuasca**. São Paulo: FAPESP, Mercado das Letras, 2009.

PINTO, Marilina C. O. B. Serra; SOUZA, André Ricardo de. “Fronteiras do sagrado entre a umbanda e a barquinha”. In: PINTO, Marilina C. O. Serra; MORAIS, Maria de Jesus; LIMA, Jacob Carlos (Orgs.). **Processos de territorialização e identidades sociais**. São Carlos: Rima, EDUA, v. 2, p. 97-106, 2012.

REGINATO, A. D. A.. “Regulamentação do uso de substância psicoativa para fins religiosos: o caso da ayahuasca”. **Tomo** (UFS), v. 17, p. 57-78, 2010.

ENTRE O SACRAMENTO E O NARCÓTICO: ANALISANDO DISCURSOS DE DESLEGITIMAÇÃO  
DOS SABERES DA AYAHUASCA, CAMILA DE PIERI BENEDITO

ROSE, Isabel Santana. Entre colinas verdes: Trabalhos espirituais, plantas e culinária. Reflexões sobre experiências de campo numa comunidade do Santo Daime. In: **Entre saias justas e jogos de cintura: gênero e etnografia na antropologia brasileira recente**. Florianópolis: Editora Mulheres/EDUNISC, 2007

MACRAE, Edward. “Um pleito pela tolerância entre as diferentes linhas ayahuasqueiras”. In: LABATE, Beatriz; ARAUJO, Wladmy (Orgs.) **O Uso Ritual da Ayahuasca**. São Paulo: FAPESP, Mercado das Letras, 2009.

MAGNANI, José Guilherme C. **Mystica urbe: Um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole**. São Paulo: Editora Studio Nobel, 1999.

MOREIRA, Paulo; MACRAE, Edward. **Eu venho de longe: Mestre Irineu e suas histórias**. Salvador: Editora ABESUP, 2011.

PRANDI, Reginaldo. “O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso.” **Estudos Avançados**. São Paulo: vol. 18, n. 52, 2004.

SAID, Edward W.. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

NOTAS

---

<sup>i</sup> Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (2011) e mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFSCar (2013). Atualmente é pesquisadora do Núcleo de Estudos de Religião, Economia e Política (NEREP) do Departamento de Sociologia da UFSCar e aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia na mesma universidade.

<sup>ii</sup> Acesso em março de 2017: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/05/presos-tomam-cha-alucinogeno-em-projeto-social-polemico-em-rondonia.html>

<sup>iii</sup> O uso do termo *enteógeno* “se origina do grego *entheos* que literalmente significa *Deus dentro*” (MACRAE, 495, 2009). Essa classificação é de origem nativa, sendo um neologismo para descrever substâncias psicoativas de uso ritual. Pesquisadores optam pelo uso de “enteógeno” no lugar de “drogas”, “psicóticos” ou “alucinógenos” buscando distanciar os grupos que as utilizam de classificações pejorativas a que costumam estar relacionados, conforme Guerriero *apud* Assis (2013) e MacRae (2009).

<sup>iv</sup> O quíchua é uma família de línguas indígenas da América do Sul falada por grupos étnicos ao longo dos Andes, abarcando Argentina, Colômbia, Chile, Bolívia, Equador e Peru.

<sup>v</sup> Conforme Eliade (p. 327, 1999): “O xamanismo não é propriamente uma religião, mas um conjunto de métodos extáticos e terapêuticos cujo objetivo é obter o contato com o universo paralelo, mais invisível, dos espíritos e o apoio destes últimos na gestão dos assuntos humanos”. Eliade afirma a caracterização do xamanismo sul-americano pelo emprego de substâncias enteógenas como a ayahuasca e outras tóxicas, como o tabaco.

<sup>vi</sup> Processo semelhante ocorre com as religiões do Bwiti no Gabão, que se utiliza do enteógeno iboga e da Native American Church, no México e nos EUA, que faz o uso do peyote (LABATE, 2004: 29).

## ENTRE O SACRAMENTO E O NARCÓTICO: ANALISANDO DISCURSOS DE DESLEGITIMAÇÃO DOS SABERES DA AYAHUASCA, CAMILA DE PIERI BENEDITO

vii A Comissão de Limites foi o órgão responsável pelo delineamento das fronteiras do Acre com a Bolívia e o Peru.

viii Resultante de uma extensa pesquisa organizada pelo órgão federal COFEN. A regulamentação governamental deixa nas mãos dos diversos grupos a decisão sobre a forma de uso ritual da bebida e sobre a forma de aceitação de interessados.

ix Acesso em março de 2017: <http://veja.abril.com.br/entretenimento/pais-relacionam-morte-de-rian-brito-a-consumo-de-ayahuasca/>

x Acesso em março de 2017: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2017/01/genro-da-mulher-que-sumiu-em-seita-do-daime-e-morto-tiros-em-goiania.html>

xi Escolho a utilização do termo “universo” para abarcar grupos tão distintos entre si que, porém, fazem o uso ritual das mesmas plantas. Deve-se frisar, ainda, que nesses universos, a alquimia vegetal pode adicionar outras plantas - psicoativas ou não - ou utilizar-se de diferentes espécies de um mesmo vegetal.

xii Esse trecho ficou ambíguo. Em um momento da reportagem se diz que são atendidos diariamente 100 detentos do regime fechado, porém, é também exposto que o trabalho com a ayahuasca é feito com os 13 residentes da Acuda – que são do regime fechado – e alguns outros detentos do regime semiaberto.

xiii Depois saberemos que essa pessoa é Alzimar, cujo depoimento sobre seus crimes e sua experiência será explorado no decorrer da reportagem.

xiv Como expresso em Prandi (2004), as religiões afro-brasileiras sofrem historicamente de preconceito, sendo seus adeptos vítimas de agressões verbais e físicas. Tal preconceito e a imagem exótica construída em torno dessas religiões, estaria intercalado ao preconceito sofrido pelos negros no Brasil.

xv Não se quer dizer, com isso, que as mães que deram depoimentos para a reportagem são responsáveis pela criação dessa imagem dicotômica, o que se busca analisar é a forma como suas falas são utilizadas na construção dessa dicotomia e na defesa da exclusão.

xvi Discursos observados pela autora na pesquisa de campo de sua pesquisa de doutoramento “Maria que me ensina a ser mulher”: Experiências de gênero de adeptas do Santo Daime enquanto mulheres.

xvii Como colocado em (Barreto, 2015; Labate, 2004), a participação de crianças nos rituais e a ingestão de ayahuasca por mulheres grávidas foi objeto das políticas públicas que regulamentam o uso ritual da ayahuasca: “Nesse mesmo relatório [dos anos 1980] os pesquisadores indicaram, em um apêndice, sua preocupação com o uso da bebida por menores de 18 anos e gestantes e sugeriram que deveria haver uma idade mínima para o uso da ayahuasca e que esta não deveria ser consumida por gestantes (BRASIL, 1987, p.6). Essa instrução não foi apropriada pela política governamental, nem tão pouco pelos grupos ayahuasqueiros. Em 1997 o Conselho Federal de Narcóticos / CONFEN, emitiu uma recomendação para que os grupos não permitissem o uso da ayahuasca por menores (BRASIL, 1997). Em resposta a União do Vegetal inicia um procedimento legal contestando a recomendação perguntando “Que religião é essa que as crianças não podem acompanhar os pais?” (BRASIL, 2006, p.73). Coube então a CONFEN publicar uma emenda explicando que a participação de menores e mulheres grávidas ficava a cargo da decisão familiar e não do Estado (BRASIL, 2004). Desde então segue essa recomendação para o da ayahuasca. (BARRETO, 10-11, 2015).”

ENTRE O SACRAMENTO E O NARCÓTICO: ANALISANDO DISCURSOS DE DESLEGITIMAÇÃO  
DOS SABERES DA AYAHUASCA, CAMILA DE PIERI BENEDITO

---

Recebido em: 04/04/2017.

Aprovado em: 17/05/2017.

Publicado em: 28/08/2017.